

A PSICANÁLISE DOS CONTOS DE FADAS: o influxo das narrativas na constituição do discernimento pueril

Leonara Fernandes dos Santos

Acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (e-mail: leonaralfs@gmail.com)

Sarah Nascimento Jeronimo

Acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (e-mail: sarahtwnascimento@gmail.com)

Rafael Silva dos Santos

Orientador (a) do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (e-mail: rafaletasrv@hotmail.com)

RESUMO

O artigo intitulado: A PSICANÁLISE DOS CONTOS DE FADAS: o influxo das narrativas na constituição do discernimento pueril, tem por objetivo explanar percepções acerca dos contos no universo infantil. Consoante, analisa conceitos a respeito da construção da identidade infantil e do universo mágico dos contos de fadas. Logo, pauta-se pela pesquisa bibliográfica e para tal, conta-se com o aparato teórico de autores como: Bettelheim, Hall, Pessolato, entre outros renomados autores do cânone literário. Ademais, a pesquisa denota ênfase na busca por compreender mais sobre a literatura infantil e suas influências, enquanto o indivíduo ainda está em formação. Dessa forma, o presente artigo articula a influência que os contos de fadas exercem no decorrer da vida do sujeito e leva em consideração seus conflitos internos, como o luto, a rejeição e o sentimento de insuficiência diante dos pais. Todavia, o trabalho expõe ainda que os contos maravilhosos que nos acompanham desde o início de nossas vivências, tem objetivo maior do que a simples diversão vazia ou entretenimento, eles trazem como plano de fundo a necessidade de buscar o autoconhecimento, de identificar-se com personagens e ações, além de externalizar emoções e percepções, a fim de o sujeito formar sua própria personalidade.

Palavras-chaves: Literatura. Formação da personalidade. Psicanálise. Contos de fadas.

FAIRYTALE PSYCHOANALYSIS: The influx of tales in the constitution of a child's discernment

ABSTRACT:

The study titled 'FAIRYTALE PSYCHOANALYSIS: The influx of tales in the constitution of puerile discernment' has the objective of explaining the perceptions around fairytales in a child's universe. Accordingly, analyzes concepts about the child's construction of identity and the magical universe of fairytales. Therefore, bibliographic research was chosen for it, counting on the theoretical apparatus of such authors as Bettelheim, Hall, Pessolato among other renowned authors in the literary canon. Moreover, this study denotes emphasis on understanding children's literature and its influence, while the individual is still developing. Thus, the present study articulates the influence that fairytales exert on the span of an individual's life, and takes into consideration their internal conflicts, such as grieving, rejection and the feeling of inadequacy towards parents. However, this work exposes that such wonderful tales that follow us since the beginning of our lives, have larger objectives than mere empty amusement or entertainment, they bring forward as background the need of searching for self-knowledge, of relating to characters and actions, beyond externalizing emotions and perceptions, in order to develop their own personalities.

Keywords: Literature. Personality development. Psychoanalysis. Fairytales

1 INTRODUÇÃO

Quando falamos em contos de fadas, conseqüentemente pensamos em crianças, pois hoje em dia a leitura dessas histórias estão associadas à imagem da infância. Mas o que poucas pessoas sabem é que, nem sempre esses contos foram ouvidos pelos menores e que houve um longo processo que demorou anos até que essas histórias chegassem aos ouvidos dos pequenos. Entretanto, cabe indagar, de onde vieram os contos de fadas? Quem os inventou? Qual o intuito dessas histórias contadas? Assim, para responder essas perguntas, este trabalho explana conceitos de historicidade a respeito da origem desses contos.

Então, com a origem dos contos de fadas voltados para as crianças, e a atenção que lhes foi dada a partir de uma determinada época, surge a necessidade de entender melhor como essas histórias podem afetar suas vidas, tanto de forma positiva quanto negativa e, a preocupação em saber como isso estaria presente no decorrer de seu desenvolvimento. Logo, o enfoque dos estudos é para compreender melhor as reações obtidas pelos menores e para a importância da literatura infantil,

pois, para que o indivíduo possa absorver da melhor forma possível todas as informações que são enviadas por meio da leitura, precisamos saber passá-las de forma correta e eficaz, fazendo com que as crianças tenham um desenvolvimento psicologicamente saudável, e consigam lidar com seus problemas e com sua própria personalidade, pois esse é o papel de uma boa história.

2 CONTOS DE FADA

2.1 A origem

Os contos de fadas, como o próprio nome já diz, são histórias fantasiosas que apresentam lugares mágicos e reinos encantados, onde pessoas descrevem sonhos ou pensamentos que não conheceriam na vida real. A princípio, essas histórias foram passadas de geração para geração de forma verbalizada, com versos e canções, como uma necessidade de as pessoas se comunicarem umas com as outras, experiências significativas vividas por seus antepassados, despertando sensações de curiosidade e de desejos secretos para quem as contava e quem as ouvia.

Somente no século XVII, na França, no reinado de Luís XIV essas histórias consideradas lendas, tomaram forma escrita e um dos primeiros escritores responsáveis por este acontecimento foi o poeta e advogado Charles Perrault, que não só registrou esses contos, como também os adaptou para que as crianças pudessem, pelo menos, estar por perto durante as contações, menciona Pessolato e Bronzatto (2014).

A princípio, os contos de fadas não apresentavam as atuais características, pois não eram voltados ao público infantil, sendo deste modo, possível analisar fortes traços de violência. Segundo Corso e Corso (2007) existe um conto similar a Chapeuzinho Vermelho, contado pelos Grimm, que apresentam traços semelhantes ao conto da menina do capuz, 'Dama Duende' que apresenta uma actante desobediente que pede aos seus pais para conhecer uma senhora que não possui boa fama nas redondezas, conhecida como Dama Duende. Seus pais a repreendem e proíbem-na de visitar a casa da senhora, porém, isso não impede a garotinha. Por conseguinte:

O desfecho é rápido, a menina entra na casa da Dama Duende e quando chega diante da propriamente dita já está pálida de medo. O que sucede é

um diálogo que lembra o diálogo de Chapeuzinho com o Lobo. Neste conto, a menina já está amedrontada e não quer crer no que seus olhos já viram: a casa se revela um lugar diabólico, com figuras masculinas aterrorizantes. A Dama Duende é de uma crueldade impassível, transforma a menina num pedaço de lenha que imediatamente é consumido pelo fogo (CORSO; CORSO, 2007, p. 55).

No decorrer dos anos, foram feitas várias alterações para que estas histórias agradassem ao público e não caíssem no esquecimento, destacando-se o período entre 2001 e 2010 como de maior período de divulgação para os Grimm, sendo um total de 15 obras, comenta Cotta (2016). Assim, este material que era admirado por todas as pessoas, passou a ser mais bem recebido pelas crianças, sendo de grande importância na Europa moderna por inovar a cultura, dando um novo olhar à infância.

Apesar das histórias terem sido moldadas ao longo do tempo por diversos autores, ainda existem nos dias de hoje, rastros dos contos originais dos irmãos Grimm, que contém temas diversos da realidade em que vivemos, como a peça 'Caminhos da Floresta' (2015), a qual: Chapeuzinho Vermelho aparenta ser uma menina ingênua que acredita facilmente em outras pessoas. Cinderela representa as moças que perdem a mãe ainda pequenas; João se assemelha aos garotos curiosos e com muita energia para brincar e o padeiro e sua mulher, por sua vez, representam um casal jovem querendo se tornar pais de uma criança (YAMAGUTI, 2018).

Com o passar dos anos, a peça tornou-se filme dos Estúdios Walt Disney que, por ter como principal público alvo as crianças, precisou sofrer algumas mudanças, já que o fato de o musical trazer como abordagem os contos originais dos Grimm, ele também trouxe consigo cenas 'impróprias' para as crianças tratando de assuntos como adultério, suicídio, homicídio, pedofilia e outros assuntos os quais as crianças ainda não possuem um conhecimento aprofundado para sabê-los interpretar. No entanto, os filmes ainda possuem algumas destas características citadas, e também são considerados livres para todos os públicos.

A cada ano, novas versões dos contos vão surgindo ficando cada vez mais resumidas para que tornem-se 'inofensivas' para o público infantil, embora Bettelheim (2007) cita que os contos, atualmente simplificados, perdem o sentido real apresentado nas versões originais e se tornam histórias voltadas apenas ao entretenimento, logo, fazem-se cada dia mais comuns as peças de teatro, filmes e musicais inspirados nos contos e as várias adaptações da Disney em *Live-actions* com utilização de atores reais para interpretar os personagens das histórias.

2.2 Psicanálise nos contos de fadas, um conceito múltiplo

No dicionário Aurélio, o termo psicanálise é “s. f. Método especial de tratamento criado por Sigmund Freud (1856-1939), para a cura de desordens nervosas; exploração do subconsciente por meio de uma análise psicológica; ciência do inconsciente” (BUENO, 1996, p. 537).

Nasser (2008, p. 259) complementa que “A psicanálise, em sua construção, envolveu-se em diferentes questões, tais como a conceituação do inconsciente e de tudo que girava em torno dele”.

Por conseguinte, o estudo tem como fundamento, assim como fala Lopes e Martins (2017), buscar formas de tratar pessoas que se sintam impedidas de sentir felicidade ou de demonstrarem emoções para com seus entes queridos, por guardarem consigo um problema psíquico. Geralmente essas pessoas se sentem incapazes de se autoconhecerem e muitas vezes isso se dá por conta de vários transtornos que vieram passando durante sua infância, os quais fizeram com que o indivíduo se sentisse vulnerável para lidar com seus próprios conflitos, e estes problemas podem se tornar irreversíveis na fase adulta.

Antigamente, os jovens eram inseridos em um mundo adulto muito cedo, sem preparo e sem condições. Eram privados dos prazeres da infância, pois precisavam ajudar as famílias a sobreviverem da fome e das guerras. Mas com a chegada do século XVII, as pessoas começaram a criar uma nova visão de família. Os pais já cansados de perderem seus filhos para a miséria, decidiram que era necessário preservar o bem-estar das crianças, assim como é citado nos estudos de Lopes e Martins (2017).

Porém, mesmo com este ressignificado que as famílias passaram a ter, nos deparamos com uma nova realidade em que os pais não ouvem seus filhos e esperam que eles atendam a todas as suas expectativas, o que é uma intempérie, pois a sociedade está criando jovens inseguros, psicologicamente abalados, deprimidos e incapazes de saberem quais são seus próprios desejos para a vida. Segundo Mrech (2002, p.108) “A psicanálise enfatiza a importância de se passar a palavra à criança para que ela nos diga quem ela é e como pensa”.

Desse modo, devemos buscar meios por intermédio da educação infantil para que as crianças consigam interpretar e compreender o momento que ela está vivenciando, e dessa forma, saber controlar seus sentimentos. Atualmente, não

podemos falar sobre educação infantil sem citar a literatura infantil, portanto deve sempre estar presente no cotidiano do infante por ser de suma importância para o desenvolvimento da aprendizagem da criança. Em seu trabalho, Corso e Corso (2007, p. 28) ainda citam:

Nas crianças é mais fácil observar o impacto da ficção, elas se apegam a alguma história e usam-na para elaborar seus dramas íntimos, para dar colorido e imagens ao que estão vivendo. Elas usam como era usado o mito em sociedades antigas, entram na trama oferecida e tentam encaixar suas questões nos esquemas interpretativos previamente disponibilizados. Ou então se apropriam de fragmentos, como tijolos de significação que combinam à sua moda para levantar a obra de determinado assunto que lhes questiona.

Bettelheim (2007), afirma que as fantasias que os contos proporcionam à criança demonstram que para um final feliz, basta entender o real significado de suas batalhas. Entretanto, não nos atentamos que esses contos, aparentemente inofensivos, possuem mensagens ocultas interpretadas pelo subconsciente da criança, que auxiliam na solução de conflitos internos, perante os estudos de Ressurreição (2005, p. 22): “A psicanálise afirma que os significados simbólicos dos contos maravilhosos estão ligados aos eternos dilemas que o homem enfrenta ao longo de seu amadurecimento emocional”.

Em Alice, Oliveira (2018), expõe que o conto retrata a inquietação das crianças perante a reprovação dos adultos e seus sentimentos de inadequação, destacando-se o trecho em que Alice tenta passar pela porta que a levaria a um jardim, junto ao coelho branco. A menina toma a poção que a faz encolher e em seguida, come o bolo que a faz crescer em demasia, seria esse, um momento conflitante. Além disso, é possível observar traços de outras patologias no conto, como cita a autora:

O mesmo ocorre quando Alice encontra o Chapeleiro Maluco e a Lebre de Março. Os dois estão enfeitiçados. Conforme explicam para Alice, a Rainha os prendeu ao tempo, exatamente às cinco da tarde, hora do chá. Então eles passam o tempo todo fazendo o ritual do chá. Mesmo tipo de estrutura psíquica, mas aqui já com uma patologia instalada de neurose obsessiva compulsiva (OLIVEIRA, 2018, p. 14).

Além de questões relacionadas ao sentimento internalizado da criança, o conto aborda o diálogo da personagem principal em seu íntimo, e os demais elementos da história representam seu ego, como cita Oliveira (2018, p. 14):

Tanto a Lagarta quanto o gato Cheshire aparecem como o próprio ego de Alice no sonho. Os dois personagens são possivelmente condensações, para que ela consiga dialogar consigo mesma. É a chance que ela tem para refletir sobre quem ela é, o que quer (OLIVEIRA, 2018, p. 14).

O superego, segundo a autora supracitada, é a rainha vermelha que a todo momento grita para que cortem a cabeça de todos do reino, porém, em determinado momento, a menina a enfrenta, descobrindo sua valentia, dessa forma acalma o superego e eleva seu ego, e em seguida desperta. Alguns contos ainda retratam a imagem do id, ego e superego em seus personagens:

Na figura do caçador, temos a importância de um ego fortalecido, diferentemente de Chapeuzinho que cede às tentações do Id, traindo a mãe e a avó. O caçador ao encontrar o lobo, não permite que suas emoções o dominem, apesar de num primeiro momento desejar atirar no lobo, mas seu ego (razão) se afirma, e ele controla sua raiva (provinda do Id), percebendo que é mais importante tentar salvar a avó e a menina (ARAÚJO; AMARI; OLIVEIRA, 2011, p. 199).

Para Soriano (2009, p. 10) “Ao narrar uma história, revisitamos nossa memória, visitamos o passado em busca de acontecimentos que se relacionem com o momento que estamos vivenciando no presente”. Os contos de fadas são a maneira que a criança encontra de solucionar suas situações pendentes, simples personagens de contos de fadas podem representar diferentes etapas da vida, bem como, diferentes personalidades, estados emocionais, entre outros. Dessa forma, fica claro que os contos necessitam de um significado para a criança, e assim, levá-la ao entendimento de seus conflitos, por meio da aprendizagem e reconhecimento de suas dificuldades (FALCONI; FARAGO, 2015)

Pode-se dizer que os Contos de Fadas, para a criança, exercem uma função que vai além de um simples passatempo, o processo de luto, por exemplo, que “Embora representada e abordada de maneiras muito diversas; a temática da morte sempre esteve presente nos livros produzidos para crianças, desde o século XVIII, até os dias de hoje” como reesalta (KIRCHOF; SILVEIRA, 2018, p. 60).

O processo de elaboração do luto quando acompanhado de narrativas torna-se menos penoso ao ego, pois o conto metáforiza toda a dor do sujeito de maneira que a criança seja capaz de identificar-se com a perda que os personagens das histórias sofrem. A identificação com o protagonista proporciona ao ouvinte vislumbrar uma solução para suas próprias perdas (MOURA; ASSIS, 2018, p. 135).

Em Cinderela, a história começa com a moça perdendo sua mãe, e assim dá-se início aos acontecimentos da trama e isso faz com que a jovem se perca em seu próprio mundo. Sendo desprezada pela madrasta que a tratava como empregada da casa, após o falecimento de seu pai, assim a menina acaba se sentindo sozinha e incapaz defender-se.

Por outro lado, em seus estudos, Corso e Corso (2007) demonstram que o papel da fada madrinha e das árvores mágicas no túmulo da mãe seria preservar a imagem de genitora da primeira infância. Ademais, outro exemplo de conto que abordam a temática morte, está em Bambi (1942):

A título de último exemplo, podemos citar a experiência de uma cena traumática que em geral é assistida pelos bem pequenos: a morte da mãe do cervo bebê Bambi. Embora pertença a um velho desenho animado de Walt Disney, lançado em 1942, as crianças contemporâneas seguem sendo apresentadas a esse clássico, como se ele fizesse parte do acervo imprescindível da infância. Inesquecível, esse episódio trágico é relatado por muitos como uma experiência inaugural, em termos de ficção, com a morte e o desamparo (CORSO; CORSO, 2007, p. 22).

Woo (2016), explica que Bambi representa a inocência da criança perante o mundo, que no decorrer de sua vida é obrigado a sobreviver na floresta, logo após a trágica morte de sua mãe. O filhote é extremamente dependente, dependência essa que é obrigatoriamente cortada após esse conflito com caçadores. O pequeno cervo recebe ajuda de um guardião e se torna o grande rei da floresta.

Falconi e Farago (2015), afirmam que é importante dar sentido aos sentimentos da criança, mas para isso, ela precisa de ajuda para colocar seus sentimentos em ordem, desta forma, precisa ter uma educação com um conceito significativo. Portanto, devemos considerar a psicanálise dentro do contexto dos contos de fadas, pois:

Assim, pode-se dizer que simplesmente o fato de se por em roda, abre-se um espaço para fala de todos, para compartilhamento de suas idéias e experiências, onde o indivíduo é visto como um todo, exposto seus anseios, sua afetividade e não apenas uma voz que ecoa pelo espaço (SORIANO, 2009, p. 22).

Reis (2014), conta em suas pesquisas que os contos de fadas atribuem diferentes histórias, com diferentes lugares e personagens. Falconi e Farago (2015), complementam que a história, se bem contada se torna mais rica, amplia-se o vocabulário, desenvolve a imaginação e visão de mundo. De tal modo, é imprescindível que o educador seja consciente na escolha das histórias, assim como

respeite a classificação indicativa de obras cinematográficas dirigidas às crianças.

2.3 Protagonismo x antagonismo

Para que entendamos melhor a divergência entre essas duas palavras, primeiro precisamos saber o que cada uma delas significa. O protagonista segundo o dicionário Aurélio significa: “Principal personagem de uma peça dramática; (fig.) pessoa que desempenha ou ocupa o primeiro lugar num acontecimento” (BUENO, 1996, p. 535), logo se entende que a palavra se refere àquele que exerce o papel principal, expondo suas ideias e lutando pelos seus objetivos. Já o antagonista, segundo o dicionário, significa: “Adversário; contraditor; competidor; opositor; inimigo” (BUENO, 1996, p. 55). Portanto podemos analisar que o antagonismo busca o oposto do protagonismo.

Logo, nas histórias, podemos citar mais claramente essa ideia, dizendo que a personagem Branca de Neve seria a protagonista que luta pelos seus ideais de ser livre e feliz, segundo Zumaêta (2016), que a todo momento enfatiza as características físicas e psicológicas ingênuas, enquanto a Rainha má, “uma mulher caracterizada como belíssima, orgulhosa e arrogante” (ZUMAÊTA, 2016, p. 24) seria a antagonista, que deseja o oposto disso com sentimentos de raiva e vingança. Branca de Neve está constantemente fugindo da Rainha má para conseguir desfrutar sua vida e sua madrasta prossegue tentando lhe fazer o mal, para que assim se torne a mais bela do reino, já que isso lhe foi tomado pela mesma.

Porém, à medida que Branca de Neve crescia, ia se tornando cada vez mais bela; num determinado momento, a sua beleza era ainda maior do que aquela da rainha. Na ocasião, a menina tinha apenas sete anos, quando o espelho mágico concluiu: Branca de Neve era mil vezes mais linda do que a rainha. Acometida pela raiva e pela inveja, que se apossam de seu corpo como verdadeiras doenças, a rainha exige a um caçador que leve a criança para a floresta, mate-a e traga como prova os pulmões e o fígado da menina (ZUMAÊTA, 2016, p. 24).

À medida que a criança avança no conto e percebe as diferentes atitudes entre o herói e o vilão da trama, acontece uma associação entre o mundo real e a história, nas situações em que para o bem existem recompensas e para o mal, existem punições. Assim, o infante opta pelo bom comportamento, assim como Carli e Santos (2015, p. 80) afirmam em seus estudos:

É importante as análises dos contos infantis, porque eles representam ideologias, verdades, ansiedades, receios, perigos que se pretende

aproximar ou afastar de um determinado grupo e espaço cultural. Os contos, assim como outras representações culturais de ficção, apresentam personagens que caracterizam o bem e o mal com a pretensão de passar posições que afirmam valores que se quer resguardar (CARLI; SANTOS, 2015, p. 80).

O filme *Malévola* (2014), apresenta uma visão diferente da vilã apresentada no conto 'A Bela Adormecida', vemos Malévola como a líder dos 'Mors', criaturas que vivem na floresta. Nessa versão, a personagem é apresentada como fada, diferente dos contos de Perrault ou dos irmãos Grimm. No longa moderno, a protagonista é capaz de desenvolver sentimentos pelos humanos. Stefan, um plebeu do reino, se interessa pela fada e desenvolve sentimentos recíprocos por Malévola, porém, sua ambição o faz traí-la, tirando-lhe suas asas e pelo viés de Cardoso e Dutra (2015), que complementam:

Em "*Malévola*", a "bruxa" é uma fada, pura e inocente que, ao ser traída, exterioriza sua dor através do ódio. Sua face obscura se mostra, pois perdeu parte de sua alma e de seu corpo, já que suas asas eram uma extensão de seu ser e de sua personalidade (CARDOSO; DUTRA, 2015, p. 175).

É possível analisar que, o rei cheio de ambição cria no interior de Malévola o sentimento de vingança, o que resulta no feitiço à princesa Aurora, que a faz dormir e só despertar com o beijo de amor verdadeiro. E como explana Carli e Santos (2015, p. 87) "*Malévola* revolta-se com a traição de um grande amor na adolescência e assim justifica sua vingança. Os dois lados da personagem estão presentes, sua fúria e sua bondade". Nos contos originais, "uma oitava fada não foi convidada, pois vivia há muitos anos numa torre e, ressentida, lança uma maldição sobre a princesa: que iria furar o dedo em um fuso, e morreria disso" (ZUMAËTA, 2016, p. 42).

Com o decorrer do tempo, podemos notar que as histórias vão tomando novos rumos, isto já é de se esperar. Mas o que não esperávamos era ver um personagem considerado 'vilão', ter seu lado da história contado, já que normalmente não só as crianças como também os adultos estão habituados a ouvirem e a defenderem apenas os 'mocinhos' e agora nos encontramos aos deleites tendo piedade pela pobre Malévola.

E ainda segundo Reis (2014), com os vários pontos de vistas que os personagens nos trazem, cabe a nós leitores e ouvintes, decidirmos de que forma queremos interpretar as ações de cada um deles. Desta forma, cada um do leitores, está livre para acreditar no que é ou não verdade. Assim como nos é mostrado em

várias adaptações dos contos de fadas e uma das obras mais esclarecedoras sobre este assunto é a Deu a louca na Chapeuzinho Vermelho (2006), em que não apenas a Chapeuzinho tem a oportunidade de contar o que aconteceu, como também o lobo e a Vovó demonstram no filme o ponto de vista de cada um.

Devemos aceitar que já está ultrapassado o pensamento de que os personagens existem de forma linear, e, segundo Reis (2014), o herói sempre será bom por completo, e o vilão inteiramente ruim. Pois, assim como no desenho infantil Ever After High (2013), as vilãs e as heroínas convivem juntas, em harmonia. Elas mesmas decidem o que querem ser no futuro. Série animada que tem como tendência dar voz aos personagens e mostrar aos espectadores, que assim como os personagens, cada um tem escolha sobre o que ser no futuro, sem preocupar-se com estereótipos de 'bem' ou 'mal'. É necessário entender essas situações conflitantes e a pluralidade de sentimentos, como parte primordial para a formação da alteridade do indivíduo, assim cita Hall, acerca das indecisões, escolhas e mudanças do sujeito no decorrer de sua vivência.

Os sentimentos contraditórios e não-resolvidos que acompanham essa difícil entrada (o sentimento dividido entre amor e ódio pelo pai, o conflito entre o desejo de agradar e o impulso para rejeitar a mãe, a divisão do eu entre suas partes "boa" e "má", a negação de sua parte masculina ou feminina, e assim por diante), que são aspectos chave da "formação inconsciente do sujeito" e que deixam o sujeito "dividido", permanecem com a pessoa por toda a vida (HALL, 2006, p. 38)

Como esclarece Duarte (2015), as crianças se espelham em heróis e princesas, pois conseguem enxergar e solucionar seus problemas infantis por meio do inconsciente. E para isto, os contos precisam transmitir esses sentimentos que só podem ser passados com a existência de personagens antagonistas como a bruxa ou o lobo. Os pais precisam ter esse consentimento de que, por mais que eles queiram proteger seus filhos, acabam impedindo-nos de terem suas próprias experiências.

As crianças têm pensamentos de diversas naturezas – e nem todos considerados socialmente como bons – ao banir os contos e seus monstros terríveis, ou seja, os elementos como castigos e morte, impede-se que as crianças fantasiem em torno deles. Isto pode fazer com que a criança se sinta a única a pensar e a sentir esse tipo de emoção enquanto que essas manifestações emocionais são universais (SORIANO, 2009, p. 39).

Soriano (2009) nos traz que por meio da assimilação da temática, a criança

entende que seus obstáculos podem ser vencidos, ao vivenciarem a vitória do herói, tornando o conto uma influência benéfica na formação de sua personalidade. Por esse motivo, é importante ressaltar os vilões, mesmo que eles sejam realmente ruins na história. Rocha (2017), conta que isso se dá por meio da existência de um vilão, pois sem o personagem malvado (antagonista), o herói não teria o porquê de passar por tudo o que passou, não teria a quem enfrentar e nem a quem se defender. Portanto, o vilão é merecedor de destaque.

Ao viver alienado em um mundo que apenas bons sentimentos acontecem, a criança pode vir a ter dificuldades em expressar seus “maus” sentimentos, uma vez que pode vir a pensar que isto ocorre somente a ela devido ao mundo que lhe é apresentado, desta forma, pode-se comprometer o desenvolvimento de sua identidade e sentir-se perdida quando tiver que solucionar algum dilema em sua vida por conta própria (SORIANO, 2009, p. 39).

Os contos de fadas, desde sempre nos mostraram os dois lados da moeda e suas várias possibilidades onde alternamos entre o lado bom e ruim. E isso não significa que um ou outro deva ser seguido por estar ‘certo’, apenas quer nos mostrar que é bom sermos pessoas boas, mas que também temos dias ruins aos quais não temos boas atitudes; sentimos raiva ou temos reações indesejadas e os contos mostram para as crianças que está tudo bem, mesmo assim. Soriano (2009, p. 41) diz ainda que: “É fundamental que a criança lute por si só e domine o problema que fez com que a história se tornasse cativante para ela, proporcionando crescimento e segurança e, encontrando um sentido na vida”.

Uma forma interessante de percebermos que também podemos ser bons e mesmo assim cometermos erros, está nos filmes *Enrolados* (2011) e *Frozen* (2014), obras que expressam que nem sempre os protagonistas por se tratarem de ‘heróis’, são sempre felizes, educados e ingênuos. Assim como nos diz Tolkien (2006), descobrimos que uma história de fadas é boa quando não nos importa quão maluco ou fantástico seja os acontecimentos que dela pertencem, pois quando chegar o clímax da história, juntamente com o desfecho, tanto a criança, quanto o adulto irão esperar ansiosos por esse momento e irão emocionar-se de forma profunda.

2.4 A atuação docente frente aos contos

A literatura é essencial na educação infantil, pois traz diversos benefícios para as crianças, bem como dito por Nóbrega e Santos (2015) que é de fundamental

importância não apenas para aquisição de conhecimento, mas também nas relações interpessoais e no desenvolvimento da leitura. Entretanto, o professor deve saber como trabalhar a literatura em sala de aula, principalmente quando tratamos de contos de fadas, que obtém maior destaque nas fases iniciais do desenvolvimento infantil.

Destarte, devemos nos lembrar que desde cedo, mesmo que as crianças ainda não saibam ler nem escrever, que é importante que se conte histórias para elas, dando ênfase no clímax do conto e sempre relatando os acontecimentos e descrevendo os personagens e local com detalhes, para que assim, possam ir desenvolvendo diversas habilidades e criando uma percepção maior sobre si e o mundo à sua volta. Então: “A partir daí, ela pode estabelecer relações com a sua forma de pensar e o modo de ser do grupo social ao qual pertence” (BASTOS, 2015, p. 40).

Sabemos que os livros despertam muito interesse nas crianças e que devem ser introduzidos desde cedo em suas vidas. No entanto, o encantamento pelos livros somente será efetivo se houver estímulo tanto no ambiente familiar, especialmente no recorte dos contos de fadas quanto no escolar (BASTOS, 2015, p. 16).

É importante que o educador saiba também, lidar com personagens e possíveis frustrações que o aluno venha a apresentar sobre seus sentimentos, seus medos e conflitos, pois Bastos (2015) evidencia que os vilões são atrativos para a criança, assim, é importante que ela tenha contato com esses personagens que representam os aspectos sombrios do cotidiano, isso pode ajudá-la a enfrentar seus medos e entender que seus conflitos não são unicamente seus.

Com a idade mais avançada, quando as crianças passam a ler e a escrever, assim como falar e questionar; professor deve ensinar os elementos da narrativa que servirão como base para que elas entendam melhor o que é um conto de fadas e percebam as etapas que devem ser seguidas para que estes contos existam e tenham significado para elas e não sendo apenas uma história sem fundamento. Como Vieira (2001, p. 600) nos diz:

Todas estas funções nem sempre existem quando tomado um conto particular, mas a ordem em que surgem no desenrolar da ação é sempre a mesma. Os contos principiam por uma exposição de uma situação inicial, que não se caracteriza como uma função, mas constitui um elemento morfológico importante.

Os elementos da narrativa seguem uma ordem: Narrador, espaço, tempo,

situação inicial, conflito, clímax e desfecho. Todos os contos de fadas possuem uma narrativa que segundo Vieira (2001), devem ter uma relação de sincronia entre as funções e os atores, para que cada um cumpra seu papel e também seja coerente para, que a história esteja ligada a uma relação cronológica e lógica. Destarte, podemos dizer que o início dos contos de fadas tradicionais que é sempre o mesmo: 'Era uma vez...' deixa os ouvintes com um quê de esperança, pensando se a história é de fato real, como nos diz Tolkien (2006), por trás das fantasias encontra-se vontades reais. E o sujeito que ouve ou lê, vive em situações reais e emprega conceitos internalizados em suas vivências.

Doravante, uma estratégia para se trabalhar os contos está diretamente ligada aos desenhos, ao qual o docente pode ler um conto e pedir para que seus alunos façam ilustrações, assim todos terão a oportunidade de expressarem seus sentimentos e o professor poderá analisá-los e descobrir possíveis simbologias, assim como nos fala Bédard (2005), o desenho faz referência não só ao consciente, mas também ao inconsciente e devemos lembrar que o que vale para o educador não é a estética do desenho elaborado pela criança, mas sim o simbolismo e as mensagens do desenho.

Também seria interessante pedirmos para que os alunos criem seu próprio conto, pois os contos de fadas proporcionam para que os educandos encontrem possibilidades de dar novos significados ao mundo em sua volta e com mais sabedoria e desta forma, consigam por meio da imaginação, encontrar soluções para seus problemas; diz Santos (2014). E para isso, o docente necessita inovar sua forma de trabalho, já que hoje, as crianças vivem em um mundo tecnológico e se o profissional não busca inovações, logo, para o discente, perde o interesse em aprender.

Consoante, como aduz Bettelheim (2007, p. 04), "A criança, à medida que se desenvolve, deve aprender passo a passo a se entender melhor; com isto, torna-se mais capaz de entender os outros, e eventualmente, pode-se relacionar com eles de forma mutuamente satisfatória e significativa". O professor também pode optar por uma 'roda da conversa' em que cada um leva um livro para casa de sua preferência e no dia seguinte, conta para os demais alunos o que entendeu da história e o que mais gostaram, assim as crianças poderão compartilhar entre si suas experiências e seus pensamentos, aprendendo a conhecerem umas as outras. E como denota Santos (2014):

A criança e o adolescente precisam ser expostos a essas linguagens, e deve aprender a prestar atenção a elas, se desejar dominar ou mudar suas atitudes de vida, valorizando também o apoio dos companheiros de idade, pois são histórias que tratam a solidariedade e superação dos obstáculos da vida (SANTOS, 2014, p. 09).

Soriano (2009) elucida que, com essa liberdade que os contos de fadas criam para que os jovens se expressem, eles acabam tendo vínculos de afeto pela leitura, pois os diferentes personagens, de diferentes histórias, acabam tendo comportamentos compatíveis com o da criança, que acaba se enxergando do lado de fora da situação, mas que acaba ajudando para que ela consiga solucionar seus problemas.

Portanto, essas são estratégias que podem ser adotadas pelo educador, levando em consideração as especificidades e ritmo de aprendizado de seus discentes, como explica Mrech (2002): Desta forma, as histórias mostram que todos carregamos uma bagagem de memórias e de assuntos a serem resolvidos, e que por meio destas leituras, podemos encontrar a nós mesmos.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os contos de fadas são histórias fantasiosas passadas de geração em geração que foram adaptadas diversas vezes para agradar ao público, de forma que não caíssem no esquecimento. No entanto, esses contos acabaram se tornando os preferidos das crianças, mas embora tenham sido modificados, retirando contextos sociais considerados indevidos para que elas pudessem ler e ouvi-los, ainda existe hordienamente quem os conte, trazendo de volta suas verdadeiras origens, abordando temas como luto, inveja, violência, entre vários outros.

Partindo desse ponto, entende-se a criança como portadora de uma personalidade multifacetada, com suas características peculiares, e que mesmo ainda muito novas, busca por uma inspiração ou influência para fortalecer essa formação. A proporção em que esses contos são introduzidos em sua rotina, eles alicerçam e suprem essa necessidade de identificar-se com algo ou alguém atrativo aos seus olhos. Assim, é perceptível em trechos específicos dos contos, nos depararmos com situações conflitantes, aparentemente sem solução para a personagem, entretanto, no decorrer do enredo, nota-se que sempre existe uma solução, mesmo para o caso mais improvável de ser solucionado. Logo, o infante se vê como capaz de resolver

seus próprios conflitos, baseando-se no conto, e então se torna invencível e emocionalmente equilibrado.

Por isso, a psicanálise amalgamada à literatura infantil nos ajuda a entender melhor a importância de se abordar esses assuntos com o público infantil, para que todos saibam como interpretar essas histórias e como levá-las para o contexto social em que vivem. Portanto, faz-se necessário que os professores da educação infantil possuam formação continuada e saibam como trabalhar com esses artifícios em sala de aula, atendendo a necessidade de todos os seus alunos e apostando na construção da maturação que pode ser alinhada também com o uso da literatura.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, F. M. S. C; AMARI, F. N.; OLIVEIRA, A. M. M. A. A função dos contos de fadas na constituição do sujeito psicanalítico: Uma análise a partir do conto de chapeuzinho vermelho. **Akrópolis**, Umuarama, v. 19, n. 3, p. 187-202, 2011.

BASTOS, G. M. **A importância dos contos de fadas na educação infantil**. Brasília: UnB, 2015. p. 16-52.

BÉDARD, N. **Como interpretar os desenhos das crianças**. Tradução de: Maria Lucia de Carvalho Accacio. ISIS, Missouri: EUA, 2005. 108 p.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. 16. ed. Tradução de: Arlene Caetano. São Paulo: Paz e Terra, 2007. 352 p.

CARDOSO, R. M, DUTRA, V. S. Desconstrução do mal: a relação entre “a bela adormecida” e “malévola”. **Linguagem – Estudos e pesquisas**, Catalão – GO, v. 19, n. 1, p. 163 – 177, jan./jun. 2015.

CARLI, A. M. S.; SANTOS, K. R. S. Tanto vilão quanto herói: a estética do novo protagonista dos contos de fadas. **GEARTE**, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 75-92, abril. 2015.

CORSO, D. L.; CORSO, M. **Fadas no divã: Psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2007. 326 p.

COTTA, M. A. C; Das pesquisas acadêmicas sobre os contos de fadas ao universo

político e literário dos irmãos Grimm. **Nuances: estudos sobre educação**. Presidente Prudente, v. 27, n. 2, p. 172-191, 2016.

DUARTE, N.T. **Ascensão das Vilãs dos Contos de Fadas na Contemporaneidade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015. 60 p.

FALCONI, I. M.; FARAGO, A. C. Contos de Fadas: origem e contribuições para o desenvolvimento da criança. Cadernos de Educação: **Ensino e Sociedade**, Bebedouro - SP, p. 85-111, 2015.

HALL; S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Tradução de: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 102 p.

KIRCHOF, E. R.; SILVEIRA, R. M. H. O pato, a morte e a tulipa – Leitura e discussão de um livro ilustrado desafiador com alunos dos anos iniciais. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 34, n. 72, p. 57-76, 2018.

LOPES, L. H.; MARTINS, V.L. Os Contos de Fadas Como Contribuição para a Construção da Identidade Infantil. **Revista Ciência**, Guarujá, n. 13, 25 p. 2017.

MOURA, J. G; ASSIS, M. F. P. Psicanálise e contos de fadas no processo de elaboração do luto infantil. **Perspectivas em Psicologia**, Uberlândia, v. 22, n. 1, p. 121-137, 2018.

MRECH, L.M. **Psicanálise e Educação: Novos Operadores de Leitura**. São Paulo: Pioneira; Thomson Learning, 2002. p. 105 – 121.

NASSER, Y. B. A. N. A Psicanálise como um campo de saber e sua inserção na pesquisa científica. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, p. 259-267, 2008.

NÓBREGA, D.G; SANTOS, J.O. A Importância da Literatura Infantil para o aprendizado da leitura nos anos iniciais. **Revista Brasileira de Educação e Saúde (REBES)**, Pombal/PB, v. 5, n. 2, p. 32-38, 2015.

OLIVEIRA, F. C. M; Desvendando Alice: uma análise psicanalítica do País das Maravilhas. **Revista Eletrônica de Línguas e Literaturas Estrangeiras**, n. 13, 2018.

PESSOLATO, L.; BRONZATTO, M. As Transformações dos Contos de Fadas e o Surgimento da Infância. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v. 5, n.1, p. 1-10, 2014.

REIS, S. C. **O personagem central nos contos de fadas**. Recife: UFPE, 2014.

RESSURREIÇÃO, J. B; **A importância dos contos de fadas no desenvolvimento da imaginação**. Rio Grande do Sul: Faculdade Cenecista de Osório, 2005.

ROCHA, M.K. **A Inversão do Antagonismo nos Filmes de Horror**: uma análise dos *Slasher Movies* sob a ótica dos vilões Jason Vorhees e Freddy Krueger. Lajeado/RS: UNIVATES, 2017. 24 p.

SANTOS, M.S.R. **CONTOS DE FADAS**: O Reencontro com a formação de leitores no mundo real. Campo Mourão – PR: UNESPAR, 2014.

SORIANO, M. **Contos de fadas e Identidade Infantil**. São Gonçalo – RJ: CDU, 2009.

TOLKIEN, J.R.R. **SOBRE HISTÓRIAS DE FADAS**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2006. 133 p.

VIEIRA, A. G. Do Conceito de Estrutura Narrativa à sua Crítica. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Rio de Janeiro, p. 599 – 608, 2001.

WOO, J. Y. L. **Livro Digital Bambi Uma história de vida na floresta**. Brasília: Universidade de Brasília, p. 1-55, 2016.

YAMAGUTI, N. A. **Into the Woods**: Uma releitura dos Contos de Fadas. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2018, 107 p.

ZUMAÊTA; L. O. **Representação feminina em contos de fadas: Uma análise das personagens de três histórias infantis e suas adaptações**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, p. 12-79, 2016.